

Memória e Cultura

Makuxi

Por Jaider Esbell



Simone Oliveira
Verli Petri
(Orgs.)

Memória e Cultura

Makuxi

Por Jaider Esbell

Simone Oliveira
Verli Petri
(Orgs.)



Editora

Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Santa Maria – RS.

2014

REITOR DA UFSM
Paulo Afonso Burmann

DIRETOR DO CENTRO DE ARTES E LETRAS
Pedro Brum Santos

COORDENADORA DO PPGLETRAS
Sara Regina Scotta Cabral

COORDENADORA DO LABORATÓRIO CORPUS
Amanda Eloina Scherer

EDITOR CHEFE DO PPGL EDITORES
Enéias Tavares

EDITORAÇÃO
Simone de Mello de Oliveira

REVISÃO
Kelly Fernanda Guasso da Silva

E74m	Esbell, Jaider Memória e Cultura Makuxi [recurso eletrônico] / Por Jaider Esbel ; Simone Oliveira, Verli Petri (orgs.). – Santa Maria, RS : Laboratório Corpus/PPGL/UFSM, 2014. 1 e-Book 1. Antropologia cultural 2. Índios Makuxi 3. Cultura 4. Memórias 5. Depoimentos 6. Conto I. Oliveira, Simone II. Petri, Verli. III. Título CDU 397(81=87) ISBN 978-85-99527-36-8
------	--

Ficha catalográfica elaborada por Maristela Eckhardt CRB-10/737
Biblioteca Central – UFSM

Material produzido a partir da exposição “Neusa Carson: Língua e Memória”. Textos e imagens gentilmente cedidos por Jaider Esbell Makuxi.

EXPOSIÇÃO

NEUSA CARSON: LÍNGUA E MEMÓRIA

COORDENAÇÃO GERAL

Profa. Dr. Amanda Eloina Scherer

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Profa. Dr. Simone de Mello de Oliveira

EQUIPE CURATORIAL

Prof. Dr. Elcio Gimenez Rossini (UFSM)

Profa. Dr. Larissa Montagner Cervo (UFSM)

Profa. Dr. Lucília Maria Sousa Romão (USP)

Profa. Dr. Marília de Araujo Barcellos (UFSM)

Profa. Dr. Nara Cristina Santos (UFSM)

Profa. Dr. Nádia Régia Maffi Neckel (UNISUL)

Profa. Dr. Nadja de Carvalho Lamas (UNIVILLE)

EXPOGRAFIA

Prof. Dr. Elcio Gimenez Rossini (UFSM)

ASSESSORIA DOCUMENTAL

Arquivista Carla Saldanha da Silva (UFSM)

APOIO CURATORIAL

Daniela do Canto (SAI/UFSM)

Débora Gasparetto (Doutoranda Artes Visuais PPGAV/UFRGS)

Carlos Donaduzzi (Mestrando Artes Visuais PPGART/UFSM)

Carolina Jacques (Graduanda Desenho Industrial/UFSM)

Estevan S. Garcia (Graduando Artes Visuais/UFSM)

Izabelli Oliveira (Graduanda Produção Editorial/UFSM)

Andrea Capssa (Graduanda Artes Visuais/UFSM)

Kauê Grindi (Graduando Artes Visuais/UFSM)

COMITÊ CIENTÍFICO

Profa. Dr. Amanda Eloina Scherer (UFSM)
Prof. Dr. Elcio Gimenez Rossini (UFSM)
Prof. Dr. Enéias Farias Tavares (UFSM)
Profa. Dr. Helga Corrêa (UFSM)
Profa. Dr. Irène Fenoglio (ITEM/CNRS/França)
Profa. Dr. Larissa Montagner Cervo (UFSM)
Profa. Dr. Lucília Maria Sousa Romão (USP)
Profa. Dr. Márcia Cristina Corrêa (UFSM)
Profa. Dr. Marília de Araujo Barcellos (UFSM)
Profa. Dr. Nádia Régia Maffi Neckel (UNISUL)
Profa. Dr. Nadja de Carvalho Lamas (UNIVILLE)
Profa. Dr. Nara Cristina Santos (UFSM)
Prof. Dr. Pedro Brum dos Santos (UFSM)
Profa. Dr. Simone de Mello de Oliveira (PNPD/CAPES/UFSM)
Profa. Dr. Taís da Silva Martins (UFSM)
Profa. Dr. Verli Petri da Silveira (UFSM)
Profa. Dr. Zélia Maria Viana Paim (PNPD/CAPES/UFSM)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Profa. Dr. Amanda Eloina Scherer (UFSM)
Profa. Dr. Simone de Mello de Oliveira (PNPD/CAPES/UFSM)
Profa. Dr. Taís da Silva Martins (UFSM)
Profa. Dr. Verli Petri da Silveira (UFSM)
Profa. Dr. Zélia Maria Viana Paim (PNPD/CAPES/UFSM)

Sumário

Apresentação	8
Da organização da exposição "Neusa Carson: Língua e Memória" e do arquivo (in)disponível.	
Depoimento	14
<i>Mĩĩkĩrĩ atauxinpanpĩ'man kore'ne</i>	
Ele ficou muito animado	
Registro fotográfico	19
Memória e Cultura Makuxi	
Conto	44
O Canaimé Curumim	
Posfácio	54
Posfácio ou sobre <i>a partilha do sensível</i>	

Apresentação

Da organização da exposição "Neusa Carson: língua e memória" e do arquivo (in)disponível.

Profa. Dr. Simone de Mello de Oliveira¹
(Pesquisadora do Laboratório Corpus/PPGL/UFSM)

Organizar uma exposição sobre o Fundo Documental Neusa Carson (FDNC), sob custódia do Laboratório Corpus desde 2011, foi um belo presente e também um grande desafio. Foi preciso pensar Neusa Carson em suas diferentes facetas, construir um projeto de exposição diferenciado, bem como trabalhar e retrabalhar cada materialidade em sua essência e em sua superfície observável. Partindo do que tínhamos no FDNC, documentos e fotografias, que pensamos ser explorados como objetos expográficos, estabelecemos, junto com a equipe curatorial, o desenho da exposição, os aspectos a serem ressaltados e o objeto da pesquisa de Neusa: um dos

¹ Bolsista CAPES/PNPD Institucional 2011 – 2014.

elementos principais e massivamente presente que carecia de informações visuais por estar sob a forma de documentos, textos, anotações e áudios. Em determinado momento, isso se colocou como um limite a ser superado. Não encontramos, porém, nenhuma fotografia do território onde foi realizada a pesquisa de Neusa Carson, no caso Roraima, nenhuma fotografia dos Makuxis, povo com o qual a pesquisadora conviveu e estabeleceu fortes vínculos no período de coleta de dados sobre a Língua Makuxi para sua pesquisa de tese de doutoramento na Universidade do Kansas, nos Estados Unidos. É dessa problemática que surge a designação do arquivo como (in)disponível, era como estar dentro e estar fora ao mesmo tempo. Já havia uma gama de documentos que constituiria a exposição, muitos documentos inclusive que não caberiam e ficariam de fora da exposição, mas convivíamos com “a falta”. E isso nos perturbava.

Com o intuito de conseguirmos fotografias tanto do território quanto das pessoas para compor o elemento central da exposição, um nicho central focado no povo Makuxi, começamos nossas buscas pelos órgãos oficiais, Universidade Federal de Roraima (UFRR) e Conselho Indígena de Roraima (CIR), sem sucesso nenhum, passamos então para uma busca

menos formal na rede social Facebook, mas muito mais eficaz, como poderemos ver.

Com a possibilidade oferecida pela referida rede social de se adicionar o nome da etnia, no caso o Makuxi, após o nome da pessoa, começamos a encontrar vários usuários com essa característica. Escrevemos uma mensagem padrão explicando a exposição e a nossa necessidade e enviamos para pelo menos dez pessoas. E eis que Jaider Esbell Makuxi responde que está nos Estados Unidos, que está escrevendo de seu *smartphone*, mas que quando chegar em casa pode conversar melhor, por meio de seu computador, mas desde já confirma que pode ajudar. Nossa surpresa foi grande porque todo o nosso imaginário, dos índios nas ocas, isolados, caiu por terra. Percebemos que os indígenas da atualidade estão conectados, via computador e *smartphone*, que eles são artistas plásticos, estudantes e estão completamente inseridos no mundo globalizado. Jaider Esbell nasceu em 1979, na Terra Indígena Raposa – Serra do Sol/RR, no extremo norte brasileiro, é um artista plástico reconhecido internacionalmente e estava em Los Angeles para uma exposição no Pitzer College CA. A mensagem que enviamos a Jaider foi a seguinte:

Prezado Jaider, sou pesquisadora da Universidade Federal de Santa Maria - RS e estou organizando uma exposição sobre uma pesquisadora já falecida aqui da UFSM que trabalhou com os Makuxis, nas décadas de 70 e 80. Seu nome é Neusa Carson. Naquela época a UFSM tinha um campus avançado em Roraima. Tentei contato com o afiliado de Neusa, João Maçarico Raposo, que veio estudar em Santa Maria nos anos 80, mas não estou conseguindo nenhum retorno. Na exposição que estou organizando, há um ambiente de imersão na cultura Makuxi e preciso de fotografias para ilustrar esse ambiente, tanto das pessoas quanto dos lugares. É nesse sentido que procuro a sua ajuda. Fico no aguardo de um retorno positivo. Atenciosamente, Simone Oliveira.

E assim começou nossa conversa com Jaider Esbell e o que se verá ao longo do presente livro é o resultado desse encontro. Jaider nos enviou fotografias do território, das pessoas e de trabalhos artísticos que falam sobre esse território, essas pessoas e sobre a cultura Makuxi. Além do registro fotográfico, o autor nos brindou com um conto, **O canaimé curumim**², e com um depoimento que escreveu para/sobre Neusa Carson, intitulado *Mĩĩkĩrĩ atauxinpanpĩ'man kore'ne/ Ele ficou muito animado*. Se o nosso leitor estiver se perguntando “por que a necessidade das fotografias”? Nós

² Esse conto foi originalmente publicado no livro **Terreiro de Makunaima - Mitos, Lendas e estórias em vivências**, projeto selecionado pela Bolsa Funarte de Criação Literária 2010.

responderemos: porque fazem parte do arquivo de Neusa Carson, na concepção de arquivo de acordo com Pêcheux (2010, p. 51), enquanto campo de documentos pertinentes sobre um tema. As fotografias fazem parte do arquivo da Neusa, mas não estão disponíveis, não compõem os documentos do FDNC. Roudinesco (2006) trata dessa questão sob o binômio excesso e falta. Quando tratamos de arquivo, estamos sempre entre o excesso e a falta. Entre as pilhas de documentos, livros, objetos e a falta de algo que se coloca como indispensável para o conjunto do arquivo atinente ao assunto tratado.

Eis nossa questão, eis nosso trajeto percorrido. Esta é nossa contribuição e a concretização do compromisso firmado com Jaider Esbell Makuxi. Agradecemos a Jaider Esbell pelo empenho em atender às nossas demandas, pela presteza de seus retornos e principalmente pela incomensurável contribuição com a Exposição "Neusa Carson: Língua e Memória", sem a qual nosso trabalho não teria sido possível. Ao leitor, apresentamos a obra artística de um índio Makuxi, assim como imagens e falares de um grupo social que fascinou Neusa Carson, que a inspirou a ser uma linguista e uma intelectual à frente de seu tempo. Com o leitor,

compartilhamos nosso desejo de saber mais sobre a história e a memória que faz de nós o que somos hoje!

Referências

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (org.).

Gestos de Leitura. Campinas: Unicamp, 2010.

ROUDINESCO, E. **A Análise e o Arquivo**. Trad. de André Telles; revisão téc. de Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. ISBN 85-7110-901-x

OLIVEIRA, Simone. Scherer, Amanda. **Neusa Carson: Língua e Memória**. Santa Maria: PPGL Editores, 2013.

Depoimento

Mĩĩkĩrĩ atauxinpanpĩ'man kore'ne

Ele ficou muito animado

Jaider Esbell Makuxi³

Quando a pesquisadora Neusa Carson passou estudando por nossas terras, eu estava nascendo. Quando publicou sua tese, eu estava com três anos de idade.

Para rememorar aquele tempo, temos que voltar a outra época. Devemos pensar juntos, a partir, ou bem antes, do momento em que meus ancestrais mais remotos passavam por um intenso frenesi, devido ao contato direto com viajantes exploradores europeus. Imaginem uma paisagem, um povo em ebulição, em meados do século XVI. Isso aconteceu e, de certa forma, nos preparou para vivermos até os dias atuais e daqui em diante.

³ Jaider Esbell Makuxi, 34 anos. Nasceu na Terra indígena Raposa – Serra do Sol / RR, no extremo norte brasileiro. No contexto, é o artista indígena mais importante da Amazônia na atualidade. Contatos: es.b@hotmail.com e www.facebook/jaider.esbell.

Antes desses contatos diretos com culturas tão diferentes, as europeias, os Makuxis já estabeleciam contatos com culturas similares, com outros povos representantes de nações indígenas que habitavam milenarmente a franca região hoje denominada Amazônia e Caribe, e, assim, já ocupavam seus espaços naqueles tempos.

A cultura Makuxi talvez seja a maior prova de que adaptar-se é a única forma de sobreviver, daí avançamos rápido no tempo, vindo de lá para os dias atuais. A contribuição de trabalhos como o da doutora Neusa Carson, entre outros destacados pesquisadores, de certo modo, foram fundamentais para a construção e continuidade dessa trajetória. A manutenção da língua falada e, posteriormente, escrita, como uma base elementar, mas ao mesmo tempo viva e dinâmica é uma garantia de que as diferentes culturas têm de referenciar-se e, partindo dessa referência, lançar-se rumo a outras interações e até experimentações em termo de linguagens e de comunicações.

Hoje, olhando o tempo, podemos perceber solidamente o papel das ciências humanas como contraponto a todo tipo de violência desferida sobre os povos nativos americanos. Nós, Makuxis, em especial, vivemos ainda hoje e sempre viveremos em constante adaptação. O trabalho da

doutora Neusa Carson continua vivo, atual, pertinente, essencial e reflete a expectativa de se manter viva a cultura por meio da língua. Ao mesmo tempo, os Makuxis adotam outras línguas e linguagens para falar de suas trajetórias e de suas necessidades atuais e futuras.

Na ocasião da passagem de Neusa Carson como pesquisadora entre os Makuxis do Brasil, estes lideravam um grandioso movimento que, no contexto geral, contou com o apoio de outros povos vizinhos, outras igrejas, outros países e diversos militantes. Tal movimento, que nessa ocasião já estava consolidado como o CIR – Conselho Indígena de Roraima –, crescia com o propósito de ser um centro de articulação política e social que consolidasse os interesses de diferentes povos frente a demandas urgentes, como terra, no termo amplo e irrestrito, garantia de moradia e de dignidade plena. Neusa Carson colaborou ao seu modo com esse movimento.

Hoje, depois de muita luta, luta que já contabiliza mais de 500 anos, os Makuxis podem olhar com firmeza para o futuro. Porém, quando fazem isso, com a mesma firmeza, ainda ouvem os lamentos dos ancestrais e a agonia da história recente. Doenças, assassinatos, violências de todos os tipos e humilhações continuam ecoando na memória. Quando o índio

Makuxi dos dias atuais olha com firmeza, o futuro surge, turvo, mas surge. Essas mesmas passagens memoriais e sensitivas refletem no futuro, tão dolorosas quanto quando a atual política global continua a ameaçar a pouca conquista desse e de todos os povos originários do Brasil, assunto ao qual não vamos nos deter, pois já nos basta imaginar.

Embora viver na expectativa de um futuro incerto ainda seja viver, essencialmente, os Makuxis perpetuam-se. Hoje, depois da secular e drástica baixa na demografia, reerguem-se como povo, numa estimativa de mais de 20.000 pessoas habitando a tríplice fronteira Brasil, Guiana e Venezuela, sua terra ancestral, insubstituível.

Embora lentamente, considerando todos os desafios possíveis e inimagináveis, os Makuxis avançaram e seguem avançando em todas as áreas da expectativa de vida, como educação, saúde, demarcação de parte de seus territórios tradicionais, busca por espaços e representações políticas, ideológicas e partidárias, cursos de formação superior diferenciada com foco em gestão do território e na busca por autonomia plena.

Ao mesmo tempo em que se deve comemorar tudo isso, é preciso manter a sabedoria ancestral da vigilância sempre viva, pois ainda é perigoso ir à esquina ou estar

sozinho à beira de um lago. O perigo estampado ou disfarçado em muitas faces, em muitos meios, ainda é real e sempre será.

Nas artes, na Literatura, na língua, no artesanato, no saber medicinal, na espiritualidade, na organização social, na articulação – dos jovens, das mulheres, dos professores –, na transculturalidade, no dia a dia, na oralidade, nas roças, nas caçadas e pescarias, nas atividades coletivas, nas reuniões comunitárias, nas assembleias gerais dos tuxauas, em todos esses fazeres e saberes, os Makuxis continuam vivos.

Registro Fotográfico

Memória e Cultura Makuxi



Fotografia 001 – Jaider Esbell Makuxi, 34 anos. Nasceu na Terra Indígena Raposa – Serra do Sol/RR, no extremo norte brasileiro. É o artista indígena mais importante da Amazônia na atualidade. Sua importância está no modo como se comunica. Jaider Esbell é o retrato da história amazônica e se expressa em diferentes linguagens, como pintura, sua vertente artística mais conhecida, e como escritor, videomaker, produtor cultural, arte educador e geógrafo especialista.



Fotografia 002 – Rito de defumação (fotografia de Marcelo Camacho). Os ritos de defumação são práticas ancestrais que ainda hoje são mantidas e estimuladas entre os jovens indígenas. Embora com poucas adesões, o ritual é a prática da máxima espiritualidade, em termos intencionais, em estado de paz, ou seja, na condição de normalidade, sem que haja a necessidade de manifestações de entidades superiores, o que precisaria da intervenção de xamãs e rezadores experientes ou mesmo de pajés. Esta fotografia representa a defumação ou bênção de abertura para um novo espaço de interação coletiva para os povos indígenas. A mulher que está defumando é Vanda Makuxi, pajé e articuladora cultural do Kapoi, grupo coletivo multicultural de índios urbanos da cidade de Boa Vista – Capital do Estado de Roraima.



Fotografia 003 – Wazak’á. A árvore da vida, de todas as frutas, de todas as dúvidas, de todos os saberes. Mito/lenda máxima da cosmovisão mais ampla, muito mais abrangente do que a própria consciência e a ciência poderiam alcançar. Coisa de deuses e de adoradores. Cachoeira de lágrimas e fonte de desejos. Representa a sabedoria plena, incontestável e ao mesmo tempo mutável, adaptável à personalidade. Transmite alento, perturbação e abstração. Considerada vida na plenitude da ação e do termo, recurso maior.



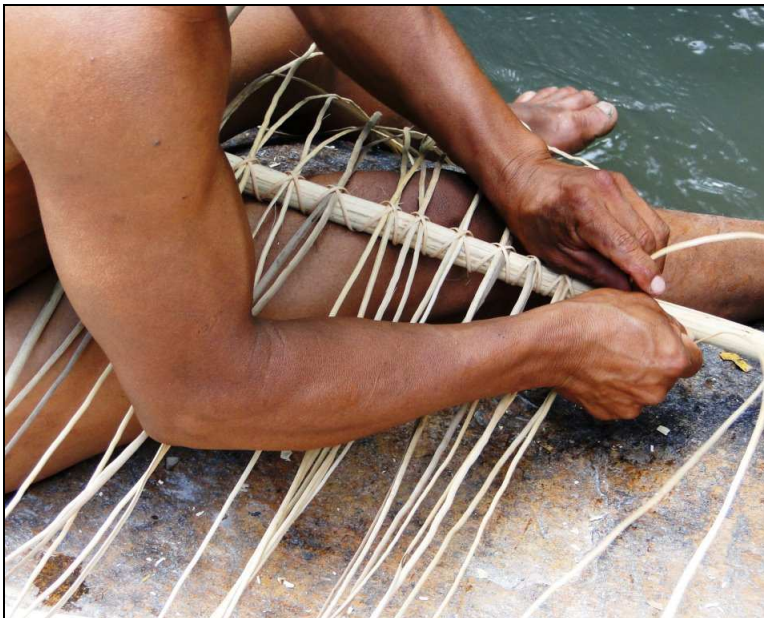
Fotografia 004 – Caxiri. O caxiri é um alimento que atravessou o tempo, foi à frente dos Makuxis. – “Lá estava a mulher, firme, sólida, com rosto teso e coração amolecido. Paro, penso em minha mãe, choro um pouco e volto a imprimir estas palavras. Preciso continuar, minha mãe continuou e eu devo continuar”. Quando chega alguém, não importa o motivo, a visita deve ser precedida de uma cuia cheia de caxiri. Mesmo que nunca mais chegue um único índio, a cuia deve estar preparada.



Fotografia 005 – Parixara. Diz a lenda: foram os urubus que ensinaram as danças do Tukui e Parixara aos Makuxis. Um urubu em especial, numa ocasião igualmente especial. Só se dança o Parixara em dias felizes, então, cada dia dança-se menos e sonha-se mais. Parixara é um momento ímpar, um êxtase, um transe coletivo!



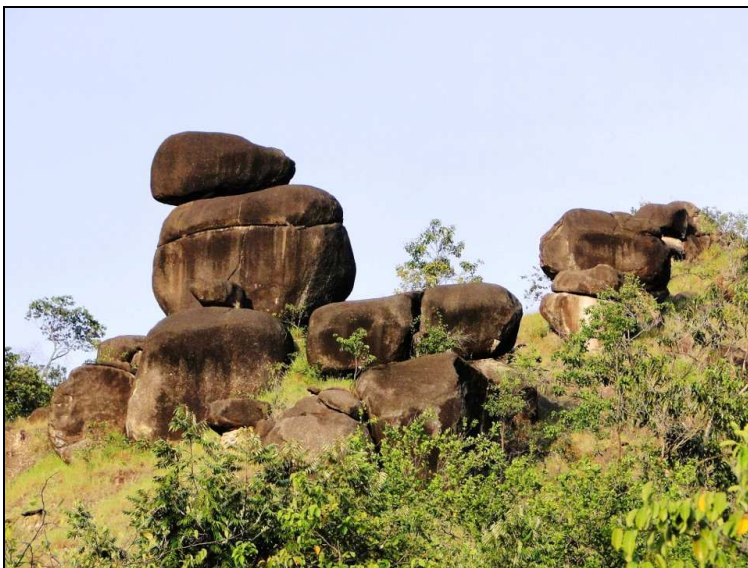
Fotografia 006 – Panelas. Um dia, um ser superior foi observado por uma mulher Makuxi. A mulher Makuxi viu, sem ser vista, como eram feitas a panela e todas as vasilhas de barro. A mulher Makuxi aprendeu bem e viu tudo ao redor, inclusive a hora, o tempo, a lua, o vento, a temperatura, o modo, a situação completa. O ser superior, não tendo saída, disse: “Vai... agora você é griô! É minha filha predileta, cuida bem do nosso saber”.



Fotografia 007 – Índio Makuxi fazendo jamaxim. O jamaxim é um artefato de uso prático no dia a dia das aldeias, é um cargueiro usado para levar tudo o que for preciso: lenha, mandioca, caça, frutas, crianças, tudo vai no jamaxim. Sempre há o que carregar. Na memória ou às costas, a carga há de estar. Uma fibra no trançado é um momento na história, um retalho no tempo, essencial. Makuxis e jamaxins são próximos como piabas e guaxinins. O fazer, o praticar, a memória a perpetuar.



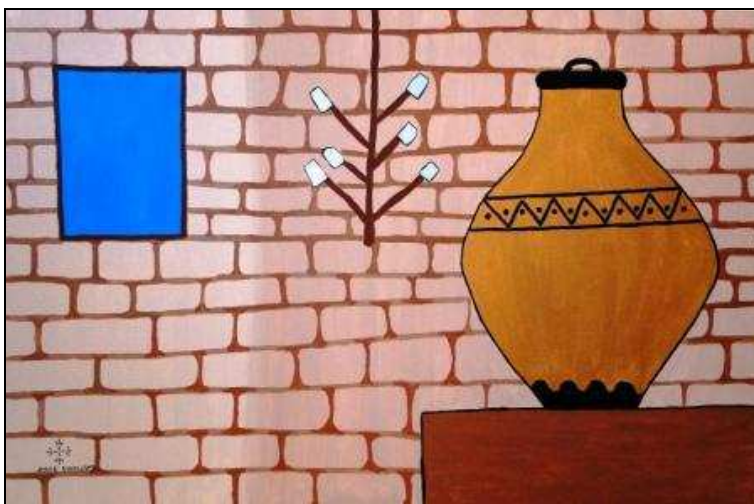
Fotografia 008 – Caçando tatu (pintura em acrílico sobre tela 90x120 cm). A artista Carmézia Elimiano é Makuxi e também uma grande pintora naif de 48 anos. Carmézia nasceu onde hoje é a Terra Indígena Raposa – Serra do Sol. A pintura de Carmézia representa, com muita propriedade, toda a concepção do espaço imaginado na relação dos índios Makuxis com o seu tempo e espaço: o ato do índio caçando num terreno paradisíaco com toda a exuberância da fartura e do vigor da natureza. É assim a terra do povo Makuxi, uma área sagrada, dividida na exata proporção para prover a sobrevivência dos modos distintos dos povos que ali habitam. As serras ou os campos, os chamamos lavrados, são ocupados por tribos e aldeias ancestrais que estabelecem hoje, segundo a geografia do lugar, relações muito particulares com os recursos naturais e também com a espiritualidade. A conexão cultural dessas pessoas se complementa com as diferentes energias cósmicas fluídas nessas paisagens.



Fotografia 009 – Brinquedos de Makunaíma. Makunaíma é um dos deuses, um irmão dos Makuxis. Essa relação se estabeleceu há muito tempo, num tempo tão remoto que nossa memória precisaria voar para tentar alcançar. Nesse tempo, o mundo era visto pelos olhos de uma criança, uma criança saudável, que ao mesmo tempo era muitas outras e ao mesmo tempo era tudo. Gente e bicho eram a mesma coisa, árvore e pássaro também, água e fogo se aliavam e tudo era um jardim bonito e perfeito. A terra/o território dos índios Makuxis é assim, um campo carregado de uma energia poderosa, contagiante e efusiva, que lhe encanta ao simples olhar. Tem luz e magia, vento e profecia. Quando um Makuxi sai no campo, todos os viventes se levantam e saem a o acompanhar. Se há tempo, todos se põem a brincar.



Fotografia 010 – Terra do fogo. Aqui também já foi mar. Há muito tempo, essas terras eram cobertas de água e habitadas por outros seres magníficos. O tempo então mudou, essas terras emergiram e novos seres a ocuparam e por aqui viverão suas próprias eternidades. Um dos viventes que se estabeleceu foi o fogo, que passa de vez em quando ardendo tudo, pondo tudo a agitar, a fugir, a correr, a morrer. O fogo passa no vento e vai levando tudo. Quando o fogo passa, chama a chuva. A chuva vem, perseguindo o fogo, devolvendo a vida, colorindo tudo. Nessa terra é assim, tudo parece funcionar em círculos e rodamosinhos de encantos.



Fotografia 011 – Água de pote (pintura em acrílico sobre tela, 60x90 cm, Jaider Esbell, 2012). A pintura registra um momento determinante na história recente do povo Makuxi: a instalação de fazendas de criação de gado nos campos e serras. A cena sela as relações frenéticas dos índios com os fazendeiros, relações que repercutem até hoje, como uma onda. O pote é o elemento ancestral; o grafismo, a identidade maior; os copos de alumínio e a parede de adobe representam a ocupação, o exótico, a imposição. Muito da cultura Makuxi se dispersou quando as fazendas chegaram e, no entanto, os fazendeiros brancos diziam e defendiam que tinham uma relação de “convivência pacífica” com os índios. A relação pacífica, na ótica do fazendeiro, era: “Índio, deixa eu ocupar teu espaço, bagunçar a tua vida e tu ainda vais trabalhar para mim e não digas nada, apenas trabalha”. Simples assim.



Fotografia 012 – Índio fazendo tipoia. A tipoia é um componente do enxoval da mulher Makuxi. Serve para ter o filho sempre no colo, perto do corpo, enquanto faz suas atividades rotineiras. A fotografia mostra apenas as mãos, mas quem está fazendo a tipoia é um homem. Não é muito comum homens fazerem tipoias, mas, nesse caso, testemunhei esse grande ato de carinho de um homem pela mulher que vai ser mãe de um filho seu.



Fotografia 013 – A casa do Makuxi do lavrado. Visão panorâmica de uma casa típica de uma família de índios Makuxis habitantes do lavrado nos dias atuais. Percebiam o zelo, a limpeza do terreiro, o verde das plantas ao redor que, tão vivas, se sentem parte da família. Percebiam os caminhos e as várias direções, os caminantes, invisíveis nesses caminhos. Percebiam a paz, o silêncio e, ao mesmo tempo, a violência com a chegada da modernidade e da energia elétrica e de tudo o que elas podem representar.



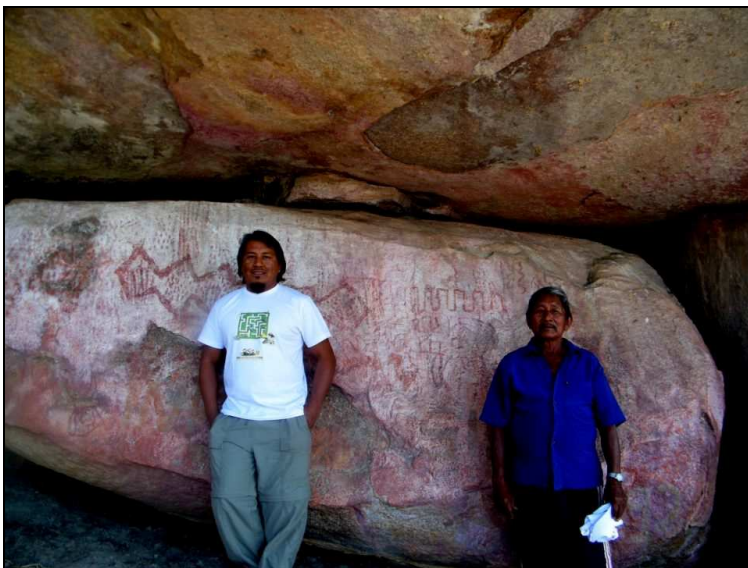
Fotografia 014 – O artista tomando caxiri. Registro do artista Jaider Esbell tomando uma cuia de caxiri, bebida e alimento tradicional fabricado a partir do processo de fermentação natural de sucos de frutas ou da massa de mandioca cozida. A ocasião era a comemoração da homologação da Terra Indígena Raposa – Serra do Sol, território ancestral que foi devolvido aos índios depois de muitos anos de lutas. A homologação da Terra Indígena Raposa – Serra do Sol, em Roraima, foi um grande e especial acontecimento, pois evidenciou o Makuxi como um dos povos mais bravos do Brasil, mas, ao mesmo tempo, pode representar o fim de um tempo em que o índio podia ser considerado como povo. Hoje articula-se e fala-se politicamente sobre um mecanismo que inviabilize a demarcação de novas terras indígenas. Essas articulações se propõem a desestruturar todo o organismo que alimenta a esperança dos povos indígenas. A revisão do processo da demarcação da Terra Raposa – Serra do Sol ainda é ameaçada com muita ênfase.



Fotografia 015 – Erosão. Vista panorâmica da região das serras, no território dos índios Makuxis. A erosão deve conduzir a um pensamento crítico sobre a atividade garimpeira em área ambiental e culturalmente frágil. A mineração em área indígena é a grande ameaça a toda a dignidade dos povos tradicionais não só em Roraima, mas também em todo o Brasil. Embora a erosão seja um processo natural que resulte na formação da paisagem e na formação do solo, a ação do homem acelera esse processo, desestabilizando a dinâmica natural e provocando extensos prejuízos.



Fotografia 016 – O povo Makuxi e a arte. A arte plástica, como linguagem entre os Makuxis, é um evento relativamente novo. Para muitos ainda não há uma compreensão exata de como esse recurso visual pode ser usado positivamente. Para outros, sim, é uma ferramenta poderosa de comunicação e transmissão de valores ou uma forma de manter assuntos importantes em contextos importantes. As escolas avaliam esse recurso como uma possibilidade de aumentar e melhorar a relação dos alunos com seus pares e familiares. Essas relações de diálogo envolvendo o fazer artístico podem estimular as famílias a buscarem conhecer mais e melhor suas próprias histórias e trajetórias, refletindo positivamente na manutenção da cultura. Assim, a arte entre os índios deve, antes de tudo, cumprir um papel elementar, ou seja, sua função cultural e social.



Fotografia 017 – Pinturas. As mensagens grafadas já vêm, de muito tempo, ecoando no espaço. Algumas soltas no vento, por horas, outras presas nas rochas. Diz o senhor Manoel (à direita na fotografia) que a Pedra da Perdiz, naquele tempo, foi um hospital, um lugar onde as aves ficavam em recuperação, por suas batalhas ou acidentes. No lugar onde esta fotografia foi registrada, elas passavam o tempo desenhando na rocha, perpetuando seus sentimentos mais vivos, dores, lembranças, sonhos e segredos. Quando ficavam recuperadas, voavam soltas no azul infinito que há sobre nossas cabeças. A Pedra da Perdiz é, hoje, o terreiro da aldeia de mesmo nome, Perdiz, e inclusive é o local onde vive a família do senhor Manoel.



Fotografia 018 – Lá vem a Cuviana. Lá vem a deusa mulher. Lá vem a sedutora Cuviana, o vento sonante, frio e encantador da madrugada. Por que anda na madrugada sozinho, tão frágil? Não te avisaram da Cuviana? Ela vem lentamente, descendo as serras, contornando os morros, arrastando seu manto nas moitas dos tesos, vem buscando as terras planas da savana onde deseja encontrar uma rede à sua espera. Chegou a Cuviana, chegou no barracão, deitou-se comigo e não era sonho. Pela manhã estava só, de volta aos meus dias; à noite, outra vez vaguei, mas nunca mais minha Deusa, nunca mais eu te encontrei.



Fotografia 019 – A Vida da gente. Dizem tanta coisa de nós! Falam que somos sujos, que somos pobres, que somos bugres, insolentes e porcos. Dizem que cheiramos mal, que roubamos, que somos preguiçosos. Mas se esquecem de ver que somos felizes, ao nosso modo somos felizes. Esquecem-se de que somos perfumados, ao nosso modo somos perfumados. Esquecem-se de que somos ricos, ao nosso modo somos milionários. Esquecem-se de que somos caçadores e de que todos os dias flechamos nosso alimento ou o buscamos nas roças distantes plantadas pelas mulheres com a força da paixão. Organizamos nossa vida e, por horas, podemos ficar na rede, na janela ou olhando para o horizonte. Somos assim, nossos antepassados eram assim e assim serão nossos filhos.



Fotografia 020 – Três Makuxis e um sonho (fotografia de Jpavani). A arte como linguagem é um objetivo comum entre alguns indígenas Makuxis. A busca pelo conhecimento é uma alternativa muito estimulada e a arte é uma forma encontrada por esses artistas para recontar suas trajetórias. É uma maneira de construir suas pontes entre o passado remoto e os dias atuais, conectando pessoas a saberes. Os dois indígenas que ladeiam Jaider são alunos do curso de artes visuais da UFRR, são professores em formação. Eles usarão as habilidades adquiridas para ensinar, para motivar pelo exemplo, para transformar a realidade de outros a partir das suas próprias.



Fotografia 021 – As coisas do dia a dia. As pinturas do artista Jaider Esbell, vigiadas pela escultura do senhor Rogério, índio Wapixana, apresentam, com elegância, alguns dos artefatos usados no dia a dia da vida nas aldeias. A peneira, usada para preparar a massa que serve para fazer o beijú, a farinha e também a tapioca. A darruana, bolsa de palha de buriti, usada pelas mulheres em suas viagens. O tipiti, usado no preparo da massa de mandioca, para espremer, tirar todo o sumo venenoso da mandioca braba, o tucupi. O remo, usado para remar as canoas e também para mexer a farinha no forno.



Fotografia 022 – Índios na cidade? Índios da cidade? (Fotografia de Marcelo Camacho.) São comuns as perguntas e as interpretações sobre como o índio Makuxi ou outro, de outra etnia, estabelece sua relação com a cidade. Há uma variada reserva de interpretações para esse fenômeno, desde opiniões mais conservadoras, que se recusam a aceitar, até outras mais tolerantes, que compreendem o fato como consolidado e irreversível. No caso de Roraima e de sua capital Boa Vista, em uma análise mais profunda, ver-se-á que a própria origem da cidade, do lugar, se deu por uma aldeia de índios e que eles permaneceram no lugar, embora invisíveis culturalmente por toda a sua configuração. O fato é que índios e cidade podem coexistir, devem coexistir, sem que haja a desconstrução de suas próprias identidades. Para que isso aconteça, cabe ao próprio índio optar.



Fotografia 023 – Sobrevooo (pintura em madeira, de autoria de Jaider Esbell, fotografia de Jorge Macedo). Esta obra foi escolhida para ilustrar uma campanha popular sobre a não construção de uma hidrelétrica nas corredeiras do Bem-querer, um trecho médio do Rio Branco, principal rio que capta águas de todas as bacias hídricas menores da região. A campanha é reforçada pelo movimento do CIR – Conselho Indígena de Roraima – e de ambientalistas que visam a barrar projetos voltados à construção de barragens para hidrelétricas em rios localizados dentro da Terra Indígena Raposa – Serra do sol. Se acontecer a construção nas barragens, como se pretende, toda essa linda paisagem será perdida e nunca mais a vida voltará a ser como antes.



Fotografia 024 – As reflexões em amplo aspecto. A fotografia representa e evidencia como a arte pode direcionar as discussões para um sentido mais amplo. Esta fotografia apresenta a chamada para a exposição de pinturas de índios amazônicos, na sua maioria Makuxis, em Los Angeles, no Pitzer College, uma universidade particular. Vacas na Amazônia: malditas ou desejadas? O tema convoca o espectador a conhecer a gravidade da questão e a refletir sob seus efeitos e pode, entre outros aspectos, avaliar os efeitos de ações externas no cotidiano local e como a ação local pode ter consequências globais.



Fotografia 025 – Uma grande festa aconteceu. Aconteceu uma grande festa em que todos os parentes e amigos foram convidados. Foi uma reunião, com muita comida, bebida e conversa para ocupar o tempo. Na ocasião, o presidente Lula assinou a homologação da terra depois de muitos anos. Devolveram nossa terra, vamos pisar neste chão. Cantem aleluia, dancem parixara, comam damunida, bebam caxiri, vamos comemorar, vamos vigiar, nossa terra é só nossa outra vez.

Conto

O canaimé curumim⁴

Jaider Esbell Makuxi

O tuxaua já via os dias ficando cada vez mais sedutores para os curumins, pois já estavam explorando as matas mais afastadas. O olhar deles se perdia entre as moitas. No capim, trêmulo pelo calor, as sombras das árvores altas ao longe eram sedutoras e nelas eles ouviam um canto bonito e o desejo era ir.

E eles iam. Quando a mãe precisava de algum, podia gritar que eles não ouviam de tão longe que estavam indo.

Curumins cor de capim num caminhar derretido, deslizando sempre, os cabelos no vento, os pés formigando na areia quente.

⁴ Este conto foi originalmente publicado no livro **Terreiro de Makunaíma - Mitos, Lendas e estórias em vivências**, projeto selecionado pela Bolsa Funarte de Criação Literária 2010.

O velho começou a ficar preocupado. Aquelas andanças gostosas e demoradas eram saudáveis, mas poderiam ser perigosas.

Agora não tinha mais jeito, tinha que contar a história do Canaimé, já estava passando da hora. Os curumins precisavam saber a verdade. Contudo, sabia da grande comoção dos pequenos quando ficassem sabendo que o mundo encantado da floresta não era apenas um grande e belo jardim, mas poderia ser perigoso demais.

Só de pensar no Canaimé, o velho se arrepiava todo. Mas tinha que ser forte e corajoso.

Era fim de inverno, as moitas ainda estavam tão fechadas de verde que, em baixo delas, era o mesmo que estar num abrigo ou numa caverna úmida.

Era ali que os curumins armavam as arapucas para pegar juruti. Passavam horas escondidos ali, vigiando as armadilhas. Forravam o chão frio com folhas de jenipapo e, deitados, esqueciam-se do tempo se achando hábeis caçadores, capazes de vencer qualquer perigo.

Investidos da ideia de pegar juruti, bolavam o plano com o pouco que sabiam dos hábitos da pobre ave.

Juriti gosta de capoeira, de roça de maniva, de moitas e de semente de laranja.

Os curumins saíam em um pequeno grupo, formado pelos mais chegados, e sempre acabavam indo na conversa de um que era o mais afoito.

O que se achava mais corajoso envolvia os demais com histórias tentadoras de exploração que ouvira ou mesmo que tirava da própria ideia.

Viviam nesse mundo infantil, encantado e imaginário de atrevimento com aquela vontade incontida de ir sempre mais.

O tuxaua um dia tinha sido um desses também. Reunira um bando de moleques que pensavam ser exploradores.

Agora tinha que desiludir os curumins que andavam no campo, fazendo coisas que ele mesmo fez um dia.

Tinha que achar um jeito para dizer que naquele jardim sem tamanho havia um guardião que aparecia, de vez em quando, para uma visita inesperada.

A maloca ficava na enseada, plantada no meio de um teso de moitas de caimbés e outras árvores que juntas se sustentavam. O campo ia ficando mais limpo à medida que se afastava da serra e os mirixizeiros atraíam os periquitos que agitavam as tardes mormacentas.

O velho tuxaua descansava deitado num cochilo involuntário, no balanço da rede, às duas da tarde, quando o vento cessara de repente e o calor dominava. Exausto de pensar em como dizer para os curumins que passear no campo, seguindo canto de passarinho, que escutar e querer chegar à cachoeira poderia ser perigoso demais.

Sabia que não seria fácil fazer os curumins entenderem e se não fosse tão convincente, seu plano podia não ter o efeito esperado.

Canaimé não é lenda! É um sujeito perverso, meio homem meio bicho, dizem, mas de uma beleza indescritível. Mora longe nas serras altas do outro lado do rio, num lugar que só eles conhecem.

Não fala porque é meio bicho meio homem. Apenas grita e anda saltando no meio do mato. É infalível no ataque e a pessoa quando não morre na hora, vai morrer em casa, muito humilhado.

Sutilmente rouba as ideias da vítima como o vento afasta o calor, no primeiro sopro, porque domina alguns segredos da natureza.

Quando um Canaimé te vê, as tuas palavras fogem, o teu rosto congela, os olhos dominados adormecem e o grito é interno, de pavor.

A sua beleza é um apanhado das melhores cores. Um brilho sedutor se projeta nos olhos em chama. É a perfeição num corpo saudável, forte como o tamanduá e rápido como uma onça.

O dia é todo dele. Gosta de passear, elegante, percorrendo as linhas de vento sem ser notado. Gosta de lugares sombrios e afastados das malocas. Anda sem compromisso, nas tardes longas de verão, quando o pasto está seco e a fina poeira logo apaga o último rastro.

Vestido com sua roupa original, imitando as feras do mato, só anda fora do caminho, pulando de moita em moita.

Nas tardes de verão, quando a perdiz assobia “três vezes três” nos galhos dos caimbés e de repente para, cuidado, quando isso acontece, pode ser um sinal que por ali vai passando um Canaimé.

Na maloca, logo a noite de lua fina se levanta e os parentes reunidos no terreiro se entreconferem. Estão todos ali e, então, acendem uma fogueira bem no meio dos barracões.

Todas as noites acontece a mesma coisa. Ficam ali até mais tarde sentados em volta da fogueira. Os mais velhos fumam e conversam, riem muito e, quando o assunto interessa

a todos, chamam as mulheres e os curumins para a roda da conversa.

Nessa noite o tuxaua irá falar sobre o Canaimé, por isso chamou todos os curumins para sentarem com ele em volta da fogueira.

Parecia um pouco incomodado e os curumins já estavam desconfiados daquela atitude. Entreolharam-se como se perguntassem o que tinham feito de errado, pois estavam certos de que iriam levar uma lição daquelas.

Mas ficaram despreocupados quando o velho começou a contar o que parecia mais uma de suas fantásticas histórias.

Era uma história de pescaria, que aconteceu quando ele ainda era um rapazinho e foi mais ou menos assim:

Logo que cruzaram as mangueiras e dobraram na linha do rio, ouviram o barulho da corredeira que roncava como um bichinho manhoso. Mas, a poucos passos do lajeado de pedra negra brilhando ao luar, o ruído ao pé da cachoeira era tudo que se ouvia ali.

Um assobio frio, vindo de trás, já veio lhe arrepiando o cabelo e, no choque do agouro que lhe entrou pelos pés, congelou por um instante e tudo ficou fora do tempo.

Os outros parentes já estavam pescando. Ele tinha se atrasado para pegar alguma coisa na maloca.

Os parentes gritavam enquanto pegavam os peixes: “Um pirandirá, um jandiá e um surubim!” Mas não dava para escutar nada, só aquele assobio triste.

O velho lembrava tudo vividamente. Ainda conseguia sentir o medo terminal dos cachorros esquálidos, que ficaram estáticos na laje, esperando os pescadores.

Esses cachorros eram valentes e ferozes, mas naquela noite mal podiam com eles. Largaram logo a voltinha que davam para enganar o dono.

Os cachorros sabiam que ali mesmo, tatu não, mas mucura, tamanduá e raposa andavam se topando. E nessa noite não ficaram nem na moita, mas na laje acompanhando a pescaria.

O silêncio que sobrava do barulho da cachoeira era quebrado pelo grito desesperado do pescador retardatário, que ninguém conseguiu escutar.

Quando terminaram a pescaria e procuraram o companheiro na laje, não o encontraram. Apenas os cachorros aflitos e atordoados.

Deixaram a enfiada de peixe na laje e procuraram o amigo mais um pouco ali em volta, mas não o encontraram. Então, pegaram os peixes e voltaram para a maloca.

No dia seguinte, o índio também não apareceu e só foi encontrado alguns dias depois um pouco mais abaixo do ponto da cachoeira, com o corpo todo ferido e quebrado.

Estava morto, claro, e dizem que o culpado foi o Canaimé.

Pronto, foi o suficiente para os curumins conhecerem o monstro e, com base na estória que o velho contou, parecia que já conheciam o bicho há muito tempo.

Era muito medo.

Da forma como foi contada a estória, com detalhes e demonstrações de movimentos, os pequenos entenderam direitinho o recado.

Mas nem todos os curumins ficaram com medo. Um, o mais afoito, ficou pensativo, mirabolando um plano na cabeça.

Os curumins fizeram muitas perguntas ao velho tuxaua e, quanto mais detalhes sabiam, com mais medo eles ficavam.

Lá pelas tantas, começaram a entrar. A fogueira estava acabando e estava na hora de dormir. Aquela foi uma noite muito difícil para os curumins. Por causa do medo, tiveram muitos sonhos ruins. O velho agora estava mais aliviado. Tinha contado tudo o que sabia sobre o Canaimé e, de agora em diante, sabia que os curumins já tinham condições de cuidar de suas próprias sobrevivências.

Passou-se um tempo e o grupinho de exploradores deixou de sair sem rumo como antes, ficando mais em casa na presença de todos.

Mas aquele, o mais corajoso, continuou perambulando por aí sozinho, já que ninguém se ariscava a ir com ele com medo de encontrar o Canaimé. Esse medo ele não tinha e estava mesmo decidido a encontrar o bicho misterioso que assustava todo mundo por ali.

O porquê daquela obsessão só ele sabia.

Um dia, nas suas andanças, passando perto de um olho d'água, resolveu se refrescar. Desceu para a gruta e alcançou a água. Bebeu, molhou o rosto e o cabelo e já ia voltando quando escutou um assobio.

Olhou de relance e o assobio já estava em outro rumo e quando olhava para lá, o som já vinha de outro lado.

O curumim, então, sentiu um sono profundo, mas antes ele viu um bicho diferente se movendo entre os arbustos e os raios de luz que entravam na copa das árvores se apagaram. O curumim dormiu profundamente. Um dos segredos do Canaimé é soltar no ar um pó de folhas secas para adormecer suas vítimas.

O Canaimé, que era temido por suas maldades com as pessoas, pegou o curumim nas costas e o levou embora para o alto da serra onde morava.

Na maloca deram por falta do curumim, procuraram por muitos dias e nunca mais o encontraram.

Na casa do Canaimé, o curumim refeito do sono não se lembrava de nada. Não tinha voz, nem saudade ele sentia. Ficava o dia todo trancado quietinho em uma gaiola grande feita com pedras.

Ali também tinha muitos couros velhos, penas e ossos de animais.

Um dia, saíram os dois para um passeio nas redondezas e, então, o curumim explorador agora era o que queria, o filho do Canaimé. Era um Canaimé Curumim e estava fazendo a sua primeira ronda.

Depois que o curumim sumiu, nunca mais teve ataque de Canaimé naquela maloca e os curumins que nasceram depois já não acreditavam nessa estória de Canaimé.

Porém, o Canaimé existe, e ainda hoje, castiga severamente quem não tem bom coração.

Posfácio

Posfácio ou sobre *a partilha do sensível*

Verli Petri da Silveira⁵ (UFSM)

Esta obra suscita um posfácio, assim como a Exposição Documental Neusa Carson suscita reflexões que não cessam de se reconfigurar. Ao final desta leitura, o sentimento é de que o livro que ora posfaciamos e a Exposição estão colados um ao outro, assim como as experiências com tais materialidades estão coladas em nós, constituindo-nos como sujeitos. De fato, conhecer este livro e/ou os documentos que formam o Fundo Documental Neusa Carson não é pouca coisa, e ninguém passará por tais experiências sem ser tocado por elas.

Compilar o material preparado cuidadosamente por Jaider Esbell é recuperar um pouco das condições de produção das pesquisas da Neusa Carson. De fato, nossa existência

⁵ Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria e Coordenadora Científica do Laboratório Corpus.

histórica nos remete à necessidade de uma cronologia, mesmo sabendo que ela é uma ficção, uma construção nossa que poderia sempre ser outra. O que suscitam em nós as imagens? O relato? O conto? Eles nos transferem para o lado de lá, para um lugar que Neusa Carson conheceu, e nos dão a conhecer os Makuxis como um inteiro, ainda que parcialmente.

Num primeiro momento, o que nos impactou foi a descoberta do Fundo Documental que a família da professora Neusa nos deu a conhecer, formado por materialidades cruas, produzidas por diferentes sujeitos e com diversos objetivos. Num segundo momento, o trabalho dos profissionais da arquivologia, no tratamento e arranjo dos documentos, deu visibilidade aos traços mais sutis que constituem o arquivo. Num terceiro momento, a experiência de organizar uma exposição documental, o encontro com Jaider Esbell, a possibilidade de adentrar o mundo de Neusa Carson, pelo olhar de artistas, muito mais do que o de um cientista qualquer. E nesse momento “a partilha do sensível”, no sentido que lhe confere Jacques Rancière (2005), se dá e já não desejamos mais separar a narrativa de vida, da obra da linguista, da mãe, da professora, da mulher que foi muito além do que se esperava dela. É um turbilhão de emoções que nos toma e tudo o que sabemos é que isso é bom!

Adentrar a Exposição, visitá-la fazendo diferentes percursos, tem muito a ver com o adentrar nesta obra que aqui se encerra. Cada um faz seu próprio percurso, cada leitor começa no ponto que melhor lhe aprouver, cada um de nós busca a poesia na e da língua de modo singular. Nos apropriamos das materialidades e elas significam muito no movimento entre o já-dito e as coisas a saber. De fato, são muitas as leituras possíveis e todas elas nos dão a conhecer um pouco mais do povo e da cultura Makuxi!